



## Dimensão estética e dimensão ética: a formação humana e a educação contemporânea

*Aesthetic dimension and ethical dimension: human formation and contemporary education*

Bruna Eduarda Rocha<sup>1</sup>

 <https://orcid.org/0000-0003-0501-384X>  <http://lattes.cnpq.br/1538307859211782>

Beatriz Menegaz<sup>2</sup>

 <https://orcid.org/0000-0001-8860-6389>  <http://lattes.cnpq.br/5890695009867602>

Alana Brandelero Porto<sup>3</sup>

 <https://orcid.org/0000-0003-1662-2974>  <http://lattes.cnpq.br/9311856432873080>

Celine Natali Daronch Tonial<sup>4</sup>

 <https://orcid.org/0000-0002-8273-3413>  <http://lattes.cnpq.br/1779592519123658>

### RESUMO

O estudo denominado Dimensão estética e dimensão ética: a formação humana e a educação, tem por objetivo compreender as dimensões éticas e estéticas na educação atual, relacionando o papel do docente na concepção de formação humana. O estudo é de caráter bibliográfico, qualitativo que amplia horizontes filosóficos e antropológicos por meio de autores referência nesta temática, sendo que o principal referencial se dá por meio da ótica de Nadja Hermann e de suas contribuições no livro: *Ética e estética - a relação quase esquecida* (2005). Por fim, percebe-se que a relação entre ética e estética precisa ser retomada na educação, pois ela abre uma nova perspectiva para estruturar a ação educativa, não apenas sob a perspectiva de uma ética racional, mas também é necessária para conectar as dimensões estéticas e éticas. É necessário compreender que ambas refletem diariamente a condição humana de cada sujeito, uma vez que se inserem na sociedade e caracterizam o comportamento humano diante das diversas ações cotidianas, sejam elas no ambiente escolar ou não.

**Palavras-chave:** ética; estética; formação humana; educação.

### ABSTRACT

*This paper aims to analyze the ethical and aesthetic dimensions in current education, relating the role of the teacher in the conception of human formation. The qualitative nature of the*

<sup>1</sup> Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense - IFSul, Passo Fundo/RS - Brasil.

E-mail: [brunaerocha@hotmail.com](mailto:brunaerocha@hotmail.com)

<sup>2</sup> E-mail: [187727@upf.br](mailto:187727@upf.br)

<sup>3</sup> E-mail: [alanab.porto@hotmail.com](mailto:alanab.porto@hotmail.com)

<sup>4</sup> E-mail: [156194@upf.br](mailto:156194@upf.br)



*study broadens philosophical and anthropological horizons in a literature review on this theme, having Nadja Hermann as the main theoretical reference according to her contributions in the book: Ética e estética - a relação quase esquecida (2005). Finally, it is clear that the relationship between ethics and aesthetics needs to be resumed in education, as it opens a new perspective to structure educational action not only from the perspective of rational ethics, being necessary to connect the aesthetic and ethical dimensions to understand that both reflect the human condition of each subject on a daily basis since they are part of society and characterize human behavior in the face of different daily actions, whether in the school environment or not.*

**Keywords:** *ethics; aesthetics; human formation; education.*

Na educação e por ela, o homem não somente assume uma condição de abertura para o novo, mas, sobretudo, supera a si mesmo, atualiza suas capacidades e potencialidades. Por isso, a tarefa primeira da educação é a humanização. Educar um homem implica ajudá-lo a tornar-se humano. (TEIXEIRA, 1999, p.24).

## 1. INTRODUÇÃO

Inúmeros são os estudos que evidenciam as dimensões éticas e estéticas da educação atual, destacando a importância destas temáticas na formação humana. O tema deste estudo consiste na reflexão sobre a relação entre ética e estética e as implicações atuais desta relação com a educação. A finalidade do texto vai além da compreensão conceitual e procura avaliar as implicações da ética e da estética na prática do educador e no seu olhar sensível acerca da aprendizagem, principalmente no que tange à educação escolar.

A humanização é um processo constante e infundável, pois o ser humano, por sua natureza, é um ser incompleto que vai se construindo em meio às situações cotidianas e ao longo da vida. Neste processo, a educação assume um papel fundamental, pois é por meio dela que a condição humana se estabelece. Tornar-se humano, exige assim, compreender os elementos que são fundamentais em sua constituição, especialmente aqueles que envolvem o bem viver, o cuidado de si e a justiça social. Iniciar essa reflexão, considerando estas perspectivas, pressupõe seguir uma linha de estudo que compreenda quais são as condições necessárias para que o processo de humanização ocorra. O enfoque aqui se centrará em duas dimensões, consideradas essenciais: a estética e a ética.

Falar de ética e estética contempla questões inerentes a um histórico longo do processo de humanização; é um tema complexo que exige deliberação, sensibilidade, reflexão. Envolve a questão da subjetividade e da autonomia do sujeito e, ao mesmo tempo, a questão do outro e do mundo. A formação implica em um movimento de ação, de reflexão e de construção. Ela é histórica, mas sempre atual. É continuidade e atualidade, reprodução e produção. Para compreendê-la, é necessária a interpretação contemporânea e, ao mesmo tempo, o retorno aos diferentes momentos históricos em que ela foi sendo forjada. Autores e pensadores de diferentes momentos precisam ser estudados para que compreendamos a sua constituição como um fazer-pensar humano. Afinal, o ser humano se torna humano pela educação. Nos termos de Kant, “o homem é a única criatura que precisa ser educada. Por educação entende-se o



cuidado de sua infância (a conservação, o trato), a disciplina e a instrução com a formação. Conseqüentemente, o homem é infante, educando e discípulo.” (1996, p.11). E segue Kant: “O homem não pode se tornar um verdadeiro homem senão pela educação. Ele é aquilo que a educação dele faz.” (id, p.15). Na seqüência, ele refere-se à educação como uma arte “cuja prática necessita ser aperfeiçoada por várias gerações”. (id, p.19). Aperfeiçoar-se sob essa ótica, nada mais é do que um exercício artístico, estético. Porém, também é um processo ético, no sentido de uma formação para a liberdade, a autonomia e a responsabilidade individual e coletiva.

Esta reflexão tem como objetivo compreender as dimensões éticas e estéticas na educação atual, relacionando o papel do docente na concepção de formação humana. Nesta perspectiva, o estudo é dividido em seções: na primeira abordaremos a dimensão estética, seus conceitos e compreensões; na segunda seção iremos tratar da dimensão ética e; na terceira, iremos analisar as implicações das dimensões da ética e da estética relacionadas à concepção de formação humana. O estudo é de caráter bibliográfico, qualitativo que amplia horizontes filosóficos e antropológicos por meio de autores referência nesta temática, sendo que o principal referencial se dá por meio da ótica de Nadja Hermann e de suas contribuições no livro: *Ética e estética - a relação quase esquecida* (2005). Ao longo do seu texto, a autora analisa alguns aspectos da estética e da ética e a relação destas no que tange a educação e a formação humana dos sujeitos. Partindo da percepção da predominância da visão ética na educação - a formação do homem por uma ética racional, universal - a autora passa a analisar a limitação desta visão ética, diante da crise da racionalidade moderna e a destacar a importância que a estética assume enquanto crítica e meio de resistência ao predomínio da racionalidade instrumental. Na seqüência, aponta a visão extrema que a estética assume em alguns autores, em que a arte se torna o único meio pelo qual a existência pode ser justificada. Por fim, aponta para a necessidade da reaproximação entre ética e estética como duas dimensões inseparáveis na formação humana. A tese fundamental é que a tensão constitutiva da existência humana torna indispensável tanto a estética como a ética. Só a relação da necessidade humana de uma ética minimamente universalizável com uma experiência estética da pluralidade fática, possibilita uma formação humana sensível e eticamente responsável.

## 2. DIMENSÃO ESTÉTICA

A dimensão estética pode ser compreendida como a potência da sensibilidade humana. Hermann (2005) buscando definição para essa categoria, a descreve inicialmente referenciando-a em sua derivação do termo grego *aisthesis*, *aistheton*. Na concepção grega, sensibilidade vincula-se à capacidade humana de ter sensação, de ser sensível a algo, de perceber e conhecer pelos sentidos. Buscando a definição em dicionários, encontra-se, de modo geral, a definição que traduz-se em duas ideias centrais: a primeira, vinculada à filosofia, a compreende como a reflexão a respeito da beleza sensível, do fenômeno artístico, do juízo do gosto; a segunda, faz referência a constituição da harmonia de formas e/ou das cores que desencadeiam a produção da própria beleza ou de uma representação estética específica. Sintetizando, podemos dizer que a estética se ancora na sensibilidade do ser humano diante da realidade,



qualquer que seja ela, e na capacidade de expressá-la, de observá-la e de senti-la. É um saber que se constitui pela sensibilidade.

No livro já mencionado, Nadja Hermann aprimora suas concepções sobre o termo estética, buscando as raízes da definição. Segundo a autora, o primeiro teórico a buscar significações sobre essa dimensão foi Baugartem, sendo que o mesmo o definiu como uma “ciência do conhecimento sensível ou gnoseologia inferior”. (2005, p.33). Segue a autora: “A categoria do estético desenvolveu-se no século XVIII num contexto de valorização da beleza natural e artística, na perspectiva da experiência evocada pela natureza, pelo impulso ou voz interior.” (HERMANN, 2005, p.25). Em linhas gerais, a estética surge, no século XVIII, como uma percepção da necessidade de se estabelecer uma relação mais profunda com a totalidade da vida humana e com a dimensão sensível do homem. Ela é uma crítica ao racionalismo então predominante e põe em movimento a imaginação, a atividade criadora, passando pela experiência sensorial que afeta, que faz sentir, tocar, observar e até mesmo transformar a realidade vivida. Conforme destaca Hermann, a ela surge do confronto das discussões sobre arte, gosto, criação artística, enfim, sobre o belo. Escreve a autora:

A história das estéticas filosóficas (em Kant, Hegel, Adorno, entre outros) testemunham tais esforços em seus modos diferenciados, mostrando que a experiência estética não é compreensível por critérios científicos ou exclusivamente racionais, tampouco pode ser subsumida por uma faculdade humana tomada isoladamente. E é justamente essa possibilidade contida no estético, que escapa à reflexão de natureza puramente racional, o que vai lhe conferir novos modos de relação com a ética. (HERMANN, 2005, p.34).

Nesse sentido, a estética passa a ser construída como uma dimensão interna de cada ser humano, visto que nesta conceituação cada sujeito possui internamente uma potência de enxergar o mundo. Remete-se aqui, a uma frase de Spinoza que destaca: “A beleza, senhor venerável, não é tanto uma qualidade do objeto (*objecti*) observado, como, pelo contrário, um efeito (*effectus*) no homem do objeto contemplado.” (*apud* PARMENTIER, 2004, p.17). O belo é assim, um efeito e não mais uma qualidade, sabendo que a experiência estética é singular e intrinsecamente relacionada ao mundo interior dos indivíduos. Portanto estética é a dimensão pela qual se torna possível enxergar além do todo, nessa concepção cada parte tem em si, uma riqueza e um significado heterogêneo e contemplativo.

Falar de estética torna-se assim, algo subjetivo de cada ser humano e conecta-se ao conhecimento sensorial. A dimensão estética acentua-se ao mundo e a experiência de possibilidades ilimitadas, quando se pensa em diferentes pontos de imaginação, de questões mais simples a questões mais complexas, a ação humana transpassa o sentido corporal e de sensibilidade. Embora seja uma dimensão subjetiva, cabe salientar que a experiência estética traz consigo a possibilidade da familiarização com as contradições e com as diferenças, de modo que, o estranhamento ao mundo e ao outro permitem o reconhecimento da alteridade e das diferenças como consciência de si e do outro em estado de fusão. (HERMANN, 2006).



## 2.1. A REDUÇÃO DA DIMENSÃO ESTÉTICA E A INTER-RELAÇÃO COM O EMPOBRECIMENTO DA EXPERIÊNCIA

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça. (LAROSSA, 1998, p.21).

Compilar a possibilidade de estética com a construção de experiências é uma das maneiras de demonstrar a importância de tal dimensão para a formação dos sujeitos, pois a experiência é um dos caminhos para oportunizar a construção humanística dos mesmos. Adorno e Horkheimer (1985) se referem ao enfraquecimento da estética, bem como, da construção de experiências, pautados na influência da indústria cultural, remetendo-se a transferência da arte para a esfera do consumo. A correria dos dias, a sociedade do capitalismo, as constantes, excessivas ondas de trabalho e atividades extras permeiam a vivência, não há tempo para digerir as informações e por isso pouco se processa sobre estas. A capacidade de sentir, tocar, observar e atender as demandas da dimensão estética e da potência sensível passam por um reducionismo em grande escala.

Segundo Larossa (1998) é a partir somente daquilo que nos passa, nos acontece e nos toca que de fato a experiência acontece e faz sentido, e para que esse acontecimento venha a existir, a potência estética precisa ser despertada. Por isso, a imprescindibilidade de desenvolver desde a mais tenra idade o estético na criança, possibilitar espaços fecundos ao sentir, e ao experienciar as situações cotidianas pelo tempo kairós. A experiência e a estética caminham juntas e precisam cada vez mais de olhares que possam colocar em movimento a imaginação, os sentidos corporais, a ação crítica e ao mesmo tempo subjetiva de encontro dos sujeitos consigo mesmo e com os outros.

Nadja Hermann (2005, p.70) avalia que a experiência estética traz “elementos novos para a crítica e melhoria de nosso agir moral”; por isso, ela é tão importante na educação, esta área que “sempre teve uma atração inevitável à unidade [...]”, ou seja, a homogeneizar. (HERMANN, 2005, p.72). Assim, como resume a autora, a estética;

[...] atua numa dupla dimensão: em primeiro lugar, contribui para desenvolver a sensibilidade para as diferenças de percepção ou de gosto, auxiliando na contextualização de princípios éticos com uma força que o cognitivo não consegue produzir; e, em segundo lugar, cria condições para o reconhecimento do outro, evitando os riscos da uniformização diante do universalismo. (2005, p.72).

Desse modo, a estética escapa de ser somente arte. É experiência, é movimento, é encontro, é sentido e é formação. A educação estética precisa assim de um olhar diferenciado e ativo com a docência e o protagonismo de cada indivíduo, para que o reducionismo advindo das constantes transformações industriais, sociais e culturais possa ser minimizado e apoiado cada vez mais na potência do ser estético. Desde a mais tenra idade, é notável a necessidade de experimentação, exploração e sensibilidade que as crianças precisam desenvolver e si, para garantir a construção de potências de sentido. Assim, compreende-se que a escola e os profissionais nela



inseridos, precisam garantir esse direito e desenvolver situações de ensino aprendizagem que valorizem a estética no mais amplo sentido.

## 2.2. DIMENSÃO ÉTICA

Para iniciarmos um o estudo sobre a dimensão ética, é necessário explorar ao que nos referimos quando falamos de ética, como entendimento popular, a ética trata-se da verdade, da moral, reflete ainda a essência, dos valores dentro de uma sociedade, quando falamos no espaço escolar, iremos trazer o comportamento do indivíduo a partir de regras e preceitos perante ao educador, ao educando. Savater (2002), aponta que a ética e a moral são termos diferentes que neste contexto se complementam, “a moral é conjunto de valores, regras, normas que dirigem as ações dos indivíduos em sociedade, a ética se apresenta como uma reflexão crítica sobre a moralidade.” (RIOS, 2008, p.7).

A ética faz parte do nosso meio, do dia a dia do ser humano, trata-se dos diferentes comportamentos das pessoas, das organizações diante dos acontecimentos e das ações que precisam ser tomadas em meio ao cotidiano. Por estar no centro do agir humano, falar de ética compete uma complexa deliberação e presume a importância da educação como um processo de formação humana permanente. O agir consiste no preparo contínuo do ser humano, e a educação nesse viés, mostra-se como uma luz ao processo de desenvolvimento e de formação da ética nos sujeitos. Hegel (*apud* HERMANN, 1996), afirma que a pedagogia é a arte de tornar os homens éticos, considera o homem enquanto natural e mostra o caminho para iluminá-lo, sendo que nessa perspectiva, o objetivo da educação passa a ser o de desenvolver a autonomia e ao mesmo tempo favorecer a construção do “eu” e o amadurecimento da consciência ética.

A concepção de estudo de Hermann compila a ideia de que a relação entre ética e estética não é de oposição, tampouco a estética levaria a uma deposição de princípios éticos que constituem a herança do pensamento educativo, mas evidenciam uma relação em que os elementos estéticos são decisivos para o julgamento moral. A estetização do mundo e da vida não deve significar o abandono das reivindicações éticas na educação, mas expor a força do estético para a determinação de uma vida moral. Diz Habermas: — A experiência estética não renova apenas as interpretações das necessidades, à luz das quais percebemos o mundo; interfere, ao mesmo tempo, também nas explicações cognitivas e expectativas normativas, modificando a maneira como todos esses momentos remetem uns aos outros. Assim, Habermas sustenta que a experiência estética (arte) não está dissociada das expectativas normativas (ética) e das interpretações cognitivas (ciência), que esses campos se interpenetram e têm pretensões de validade próprias.

## 2.3. A PERSPECTIVA DE ÉTICA E DE ESTÉTICA SOB A ÓTICA DE SCHILLER, NIETZSCHE, FOUCAULT E RORTY

### ***Friedrich Schiller***

A teoria de Schiller não trata de um sujeito transcendental, mas de uma natureza humana sensível, impulsiva, ligada à vida e também racional, ideal, ligada à elevação



espiritual. Nesse sentido, diz Schiller: “Embora a razão peça unidade, a natureza quer multiplicidade, e o homem é solicitado por ambas as legislações”. Com uma interpretação de natureza humana constitutivamente dual, Schiller entende que é a estética e não a razão quem confere unidade à vida espiritual. Para o autor o mundo sensível terá papel decisivo na estruturação da moral, pela beleza o homem sensível é conduzido à forma e ao pensamento; pela beleza o homem espiritual é reconduzido à matéria e recupera o mundo sensível. Assim, a beleza atua na compreensão e pode elevar-nos à pura unidade estética. Ao propor que a beleza permite a passagem da sensação ao pensamento, Schiller não quer dizer que a beleza preenche o abismo entre mundo sensível e inteligível, mas somente enquanto assegura a liberdade de exteriorizar-se de acordo com suas próprias leis. Para uma educação da humanidade, Schiller aponta, de forma inequívoca, que a experiência estética é uma condição para o desenvolvimento da autonomia moral e, desse modo, formula um ideal educativo que busca conduzir o homem ao aperfeiçoamento moral. Pela arte, é possível transformar a forma de vida dos indivíduos, superar a totalidade desgarrada do mundo moderno.

### ***Friedrich Nietzsche***

Em Nietzsche, a relação entre ética e estética diferencia-se daquela estabelecida por Schiller, não só pela ruptura da metafísica, mas pela dissolução da ética na estética, uma vez que só como fenômeno estético a existência e o mundo podem ser justificados. Enquanto Schiller parte da experiência estética para compreender a essência humana fundamentalmente moral, Nietzsche parte da desconstrução da moral como um caminho errado, para afirmar a vida esteticamente. Para Nietzsche, a experiência estética traz o abismo do esquecimento do agir moral. Isso, contudo, não autoriza uma interpretação de oposição entre ético e estético, mas uma radical crítica à ética racionalizada. A valorização do estético, em Nietzsche, relaciona-se com sua aguda sensibilidade para perceber, no mundo moderno, uma ameaça a toda atividade criadora e à elevação do espírito. Assim, o filósofo quer desenterrar as raízes metafísicas da modernidade e mostrar o vazio opressivo que esmaga a existência.

### ***Michel Foucault***

Foucault acompanha Nietzsche na ruptura da metafísica e se direciona para um *ethos*, que deixa de ser obediência restrita às regras para se constituir numa busca da estética da existência. Foucault defende que a arte não está relacionada apenas com os objetos e sim com a vida dos indivíduos. Aliado à vertente anti-romântica da modernidade, condena uma ética baseada na identidade do sujeito. A moral grega, que Foucault retoma, se refere ao caráter individual do cuidado de si, uma forma de conduzir a vida, uma das bases da arte de viver. Isso, entretanto, foi deixado de lado pela nossa civilização em favor do princípio delfico conhece-te a ti mesmo. Foucault não quer propor uma volta à ética da antiguidade, mas sublinhar que nela há um tesouro de artifícios, técnicas, ideias, procedimentos, que não podem ser efetivamente reativados, mas que podem ajudar a constituir, certo ponto de vista que pode ser muito útil como uma ferramenta para analisar o que está acontecendo agora e modificá-lo. Foucault ressalta uma estetização da ética fazendo uma crítica aos ideais de autonomia e aperfeiçoamento moral, presentes na base metafísica do pensamento pedagógico moderno. A busca de autonomia e liberdade não se realiza mais num



movimento de verticalidade, de busca do eu profundo, da superação de ambivalência em busca de eu verdadeiro. O sujeito, nesse modelo, não seria nem livre nem emancipado, mas submetido a um processo de disciplinamento social, uniformizado pelo constrangimento. O cuidado de si e a criação de um estilo de vida dissolvem os determinismos e abrem um espaço de possibilidade adequado às novas exigências da pluralidade.

### **Richard Rorty**

Em Rorty, a relação entre ética e estética acompanha elementos significativos de Nietzsche e Foucault, no que se refere à total ruptura com qualquer tipo de fundamento e à impossibilidade de uma essência comum para a natureza humana, em favor de uma criação de si a partir de uma redefinição estética, associada à ideia de solidariedade. Na ótica de Rorty:

O eu é construído numa rede complexa de redescrições, de metáforas inventivas, que fogem às descrições herdadas de si mesmo. A autocriação do eu se dá pela possibilidade de empregar novos vocabulários de reflexão moral, que caracterizam nossas ações, nós mesmos e os outros. A descrição detalhada de quem somos e daqueles que desconhecemos é uma tarefa não de fundamentação teórica, mas dos romances, etnografias, dramas e outros textos literários. (HERMANN, 2005, p.65).

Assim, propõe uma utopia de solidariedade humana que se cria, incrementando a sensibilidade aos detalhes particulares da dor e da humilhação de seres humanos distintos, desconhecidos para o homem. O que mantém o vínculo social consiste num consenso, que permite à organização social dar a todos possibilidades de criar-se a si mesmos de acordo com suas capacidades. A convicção dessa conquista procede de fatos históricos de que, sem a proteção de instituições da sociedade liberal burguesa, as pessoas não teriam como criar autoimagem privada. Desse modo, o vínculo social se dá por meio de um vocabulário e esperanças comuns.

## **2.4. AS DIMENSÕES DA ÉTICA E DA ESTÉTICA RELACIONADAS À CONCEPÇÃO DE FORMAÇÃO HUMANA: CONTRIBUIÇÕES PERTINENTES**

Considerado o recorte de um de seus artigos, sobre ética, estética e alteridade, pode-se contemplar uma obra de arte e entender sobre a inter-relação entre ética e estética. Na Figura 1, reconstrói-se a ideia da autora, ilustrando a arte e o pensamento disposto nas entrelinhas desta.

Na obra: *Who's Afraid of Red, Yellow and Blue*, Barnett Newman utiliza o contraste da cor vermelha, azul e amarela. O artista desejava que o observador atingisse espiritualidade pela dimensão e cor utilizadas na obra. Hermann (2006), por sua vez, destaca em seu escrito a seguinte indagação: "O que observamos no quadro?". Aqui se encontra o ponto chave, o significado perpassa o campo ético e estético, sendo que a obra abre um espaço para a liberdade. A arte tem como parâmetro, dizer algo a alguém, mesmo que nessa condição cada pessoa possa interpretar com a sua forma particular de pensar, visto que, o processo formativo é diferente em cada ser humano.



**Figura 1** – *Who's Afraid of Red, Yellow and Blue.*



Fonte: Barnett Newman - *Who's Afraid of Red, Yellow and Blue IV*(1969-70).  
Acrílico sobre tela, 274,3 x 604,5 cm.

Talvez um dos principais pontos aqui seja justamente o de demonstrar que as dimensões se integram em relação à interpretação de uma obra de arte, de uma escolha política ou de uma tomada de decisão diante de uma situação cotidiana. A ideia central é ressaltar o quanto o significado de qualquer que seja a ação humana perpassa o campo ético e também estético. São apenas cores sobrepostas em uma tela, mas para cada sujeito a tela terá um sentido, um olhar e uma compreensão.

No entanto, esta capacidade de cada indivíduo poder vivenciar e compreender um sentido que a obra lhe desperta, não nos deve levar a esquecer que sempre vivemos em um mundo comum, que de alguma forma nos possibilita, ou não, a vivência desta experiência estética. Por isso, cabe entender que tanto a experiência estética quanto o agir ético são decorrentes de uma visão de mundo objetivamente instituído. Quando as dimensões que possibilitam a diversidade de experiências são impedidas de serem vivenciadas ou limitadas a determinadas concepções, o desenvolvimento estético e ético acaba sendo prejudicado. Assim, por exemplo, para compreender e agir criativamente neste mundo, não basta a racionalidade científica, tecnológica, instrumental. É preciso desenvolver uma formação humana que congregue a racionalidade, a sensibilidade, a ética, a estética, a espiritualidade, como bem destaca Hermann ao falar sobre a obra de arte:

A obra de arte nos indica, com sua verdade, que o mundo não é compreendido quando apropriado abstrata e tecnicamente, pois só encontramos a realidade de nossas vidas quando nos apoderamos dela espiritualmente. Ou seja, na relação com o mundo, a experiência estética traz “algo”, que ultrapassa nossas explicações racionais, promovendo um estranhamento que indica o ponto de relação entre ética e estética. (2006, p.9).

A relação entre a ética e a estética encontra-se muitas vezes esquecida. Hermann (2005) evidencia sobre essa temática, elencando reflexões que atribuem solidez diante da necessidade de se refletir sobre esta relação. Nas palavras da autora, é imprescindível a compreensão de que “o estético, ao trazer a interpretação da vida, gera novos modos de integração ética” (HERMANN, 2005, p.14), ou seja, o ser humano, ao viver em sociedade, faz uso da ética e da estética conforme a sua construção no processo formativo de forma integrada. A ideia da autora é que a



estética possa ser uma espécie de autocorreção de entendimentos bastante limitados de razão e moral. De outra parte, a ética pode servir de desafio para o desenvolvimento crítico da própria estética, exigindo dela a tarefa de denunciar a destruição a que ela própria pode se submeter quando perde seu poder contestador. Ou seja, a ética passa a ter influência na produção da sensibilidade estética.

O encadeamento destas dimensões mostra-se um tanto despercebido na contemporaneidade principalmente quando observado pelo viés antropológico e pedagógico. As relações hoje instituídas nivelam uma preocupação muito grande com os processos educativos que vêm sendo construídos, a sociedade inovou-se, multiplicou afazeres, instaurou novas tecnologias, novos produtos, novas prioridades e passou a afetar também as diferentes dimensões da figura humana. De certa forma, o que vem acontecendo é resultado de um empobrecimento de experiência no que tange às relações humanas e os valores que por muito tempo foram considerados primordiais para o desenvolvimento da vida.

“Quando a sociedade vive um período de crise mais adensada, a educação recebe por inteiro as consequências da anomia e da perda de sentido.” (HERMANN, 2005, p.17). Concomitante a esse trecho, é notável o impasse presente no campo educacional, visto que, a sociedade no seu todo, passou a configurar algumas perspectivas opostas às que antes faziam sentido ao convívio comunitário. A modernidade vive o que Bauman chama de liquidez, as informações velozes e intermináveis tornam a vida corrida, por vez impossível de ser acompanhada. O trabalho, as obrigações e as relações influenciam o sentir, o observar, e as potências necessárias para que a experiência estética aconteça, e assim, uma série de fatores acabam se acometendo e a formação humana conseqüentemente passa por alterações.

Ao modo que hoje, a arte, a filosofia, a sociologia, a história e a ciência humanas no geral passam por uma crise de estudos e de consideração efetiva. Martha Nussbaum em sua obra *Sem Fins Lucrativos* implementa justamente a respeito dessa condição, afirmando que:

Tanto no ensino fundamental e médio como no ensino superior, as humanidades e as artes estão sendo eliminadas em quase todos os países do mundo. Consideradas pelos administradores públicos como enfeites inúteis, num momento em que as nações precisam eliminar todos os elementos inúteis para se manterem competitivas no mercado global, elas estão perdendo rapidamente seu lugar nos currículos e, além disso, nas mentes e nos corações de pais e filhos. De fato, o que poderíamos chamar de aspectos humanistas da ciência e das ciências humanas – o aspecto construtivo e criativo, e a perspectiva de um raciocínio crítico rigoroso – também está perdendo terreno, já que os países preferem correr atrás do lucro de curto prazo por meio do aperfeiçoamento das competências lucrativas e extremamente práticas adequadas à geração de lucro. (2015, p.4).

Isso justifica nitidamente a atual relação esquecida entre a ética e a estética, pois de fato, ambas são construídas também em meio ao processo formativo escolar e até mesmo superior, e na medida em que, as humanidades tornam-se extintas, ambas as dimensões sofrem alterações e recebem novos significados. Por isso, o presente



estudo visa compreender a ética e a estética da educação atual na perspectiva da formação humana e das potências por ela ocasionadas.

Em consonância ao trecho inicial deste escrito, Teixeira (1999) destaca que educar um homem consiste em ajudá-lo a tornar-se humano, e para que essa construção aconteça realmente, é necessário desenvolver as dimensões da ética e da estética. Do modo que na sua integridade, o homem mostra-se frágil necessitando da humanização por meio de um longo preparo, que permeia toda vida, dependendo do desenvolvimento da experiência, da potência relacionada a sensibilidade e a razão, habilitando um ponto de equilíbrio entre ambas as dimensões.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando a importância da estética e da ética para a formação humana, principalmente no cenário atual, oferecendo destaque a sensibilidade, aos processos afetivos e as transformações é visualizar o humano com um olhar sensível e respeitoso diante das ações, escolhas e diferenças. De outra maneira, é potencializar as possibilidades e dar ênfase em questões que desenvolvem e constroem o ser humano. Portanto, conectar as dimensões estéticas e éticas é compreender que ambas refletem diariamente a condição humana de cada sujeito, uma vez que inserem-se na sociedade e caracterizam o comportamento humano diante das diversas ações cotidianas, sejam elas no ambiente escolar ou não.

As perspectivas se integram e se conectam em cada olhar, toque, escuta, opinião, ação, comportamento e compreensão do enredo vivenciado. Dessa maneira, os significados transcorrem sobre o humano de forma líquida e silenciosa, mas para cada indivíduo essas dimensões acontecem com um sentido e perspectiva diferente diante das situações cotidianas. Em outras palavras, a estética e ética, juntas, humanizam as ações humanas e constroem seres empáticos e preocupados com a sociedade de forma humanizada e coerente com as diferentes condutas de cada sujeito.

A relação entre ética e estética precisa ser retomada na educação, pois ela abre uma nova perspectiva para estruturar ação educativa não apenas sob a perspectiva de uma ética racional, formal, mas de uma ética que se desenvolve a partir de diferentes formas de atividades criadoras, de uma diversidade de experiências estéticas, de um horizonte aberto de possibilidades de vida. O desafio é superar tanto a moralidade abstrata como o esteticismo superficial.

### 4. REFERÊNCIAS

CIRANDA CULTURAL. **Dicionário escolar da língua portuguesa**. Barueri: Ciranda Cultural, 2015.

HERMANN, N. A propósito das relações entre ética e educação. **Filosofia e Educação-Perspectiva**, v.14. n.25, p.83-94, 1996 .

HERMANN, N. **Ética e estética**: a relação quase esquecida. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005. Coleção Filosofia 193.



HERMANN, N. Ética, estética e alteridade. TREVISAN, A. L.; TOMAZETTI, E. M. (Orgs.). **Cultura e alteridade**: confluências. Ijuí: Editora Unijuí, 2006.

KANT, I. **Sobre a pedagogia**. Piracicaba: Edunimep, 1996.

NUSSBAUM, M. **Sem fins lucrativos**: por que a democracia precisa das humanidades. Tradução de Fernando Santos. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2015.

PARMENTIER, M. Ästhetische bildung. In: OELKERS, J.; BENNER, D. **Historisches wörterbuch der pädagogik**. Weinheim und Basel Beltz Verlag, 2004.

RIOS, T. A. **Ética e competência**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 1999. Coleção Questões da Nossa Época. v.16.

SAVATER, F. **Ética para meu filho**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

TEIXEIRA, E. F. B. **A educação do homem segundo Platão**. São Paulo: Paulus, 1999.

Submetido em: **23/07/2021**

Aceito em: **12/07/2023**